

# Contra a mordança e o animal doméstico: uma leitura de *O martelo*, de Adelaide Ivánova

Maria Regina Soares Azevedo de Andrade<sup>1</sup>

Márcia Michele Justiniano Luiz<sup>2</sup>

André Tessaro Pelinser<sup>3</sup>

## Resumo

Publicado em 2017, o livro *O martelo*, de Adelaide Ivánova, expõe uma série de violências patriarcais cometidas pela sociedade moderna contra a mulher e o seu corpo. Neste trabalho, buscamos realizar uma leitura analítico-interpretativa de quatro poemas publicados na obra, com o intuito de averiguar como as relações de poder e dominação se inscrevem sobre o sujeito e o corpo femininos. A análise é baseada em uma compreensão dialética da relação entre literatura e vida social, em que aspectos da sociedade são formalizados por meio de procedimentos composicionais na elaboração do texto literário. Concluímos que os poemas analisados desnudam e criticam com ironia e sem pudor diversas formas de violência impostas sobre o corpo da mulher por diferentes instituições e por sujeitos em posições de poder. Dessa forma, os textos questionam a dominação patriarcal e a opressão de gênero.

**Palavras-chave:** Dominação masculina. Patriarcado. Gênero. Violência. Poesia brasileira contemporânea

Data de submissão: setembro. 2024 – Data de aceite: setembro. 2024

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v21i2.16231>

<sup>1</sup> Técnica em Multimídia (nível médio-integrado) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (2018). Licenciada em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2023). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN). Soutoranda em Literatura Comparada no mesmo programa. <http://lattes.cnpq.br/4954684406337399> E-mail: [regina0azevedo@gmail.com](mailto:regina0azevedo@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL/UFRN), graduada em Letras - Língua Portuguesa e Literatura (UFRN/FELCS) e especialista em Metodologias do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura na Educação Básica (Anhanguera Educacional). Integrante do conselho técnico da Revista Saridh - Linguagem e Discurso e membro dos grupos de pesquisa Práticas Linguísticas Diferenciadas (UFRN/CNPq), Núcleo de Estudos em Narrativa Ficcional Brasileira (UFRN/CNPq) e Espaços da Literatura Contemporânea (UFMG/CNPq). <https://orcid.org/0000-0002-1328-4220> E-mail: [marcia.michelej@gmail.com](mailto:marcia.michelej@gmail.com)

<sup>3</sup> Professor adjunto de Literatura Brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Norte e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais, com doutorado sanduíche na Université Rennes 2, França. Membro do Colegiado e do Núcleo Docente Estruturante do curso de Letras - Português e Inglês da FELCS, da Comissão Interna de Desempenho Docente da FELCS e do Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da UFRN. <https://orcid.org/0000-0001-9756-0116> E-mail: [andre.pelinser@ufrn.br](mailto:andre.pelinser@ufrn.br)

## Considerações iniciais

“Meu corpo, minhas regras” é um emblema já tão conhecido que pode soar, por vezes, até como *slogan*. Em muros, camisetas, manifestos e redes sociais afora, a curta mensagem é uma forma de reiterar, em tempos de ascensão do conservadorismo, a luta por inúmeros direitos, mesmo alguns já garantidos constitucionalmente, mas não respeitados. Por isso, essa máxima configurou-se como uma das expressões básicas do feminismo contemporâneo, por carregar uma crítica às relações de poder e de dominação que são atribuídas à mulher e ao seu corpo. Na contramão de uma liberdade que parece conquistada, basta olhar e ouvir ao redor para saber que a violência de gênero é (grande) parte da realidade.

Embora aparente pertencer apenas à esfera individual, o corpo feminino foi e ainda é contornado por questões sociais, culturais, políticas e econômicas, além de ser permeado por uma série de práticas e relações de poder que dizem como a mulher deve ser e se comportar. Ser “bela, recatada e do lar”<sup>4</sup> é apenas um dos exemplos — ainda latentes — do condicionamento de gênero atribuído às mulheres. Nesta conjuntura, entendemos que o sujeito feminino está submetido a formas legitimadas de poder que circunscrevem o corpo da mulher a políticas institucionais, morais e sociais.

Em relação à poesia brasileira contemporânea, e, mais especificamente, de 2013 para cá, a crítica Heloisa Buarque de Hollanda (2021) observa uma forte influência dos movimentos feministas, no que chama de “explosão feminista”. Na antologia *29 poetisas hoje*, a pesquisadora reúne textos de mulheres que escrevem em torno de uma poética “que, agora, passa a ser modulada por uma nova consciência política da condição da mulher e do que essa consciência pode se desdobrar em linguagens, temáticas e dicções poéticas” (Hollanda, 2021, p. 24). Entre elas, está Adelaide Ivánova.

Hollanda (2021, p. 26-27) enxerga nas novas poetisas a presença de um “capital inestimável: um ponto de vista próprio e irreversível e o enfrentamento sistemático do cotidiano, dos desejos e dos custos de ser mulher”. Nesse contexto, “o corpo e a fala da mulher ganham terreno progressivamente”. Isso implica dizer, como fica nítido ao lermos os poemas da referida antologia, que o corpo feminino não surge sem amarras, mas que o próprio corpo, bem como diversos aspectos (históricos, sociais, políticos, morais etc.) que o circundam têm cada vez mais espaço nessa poesia.

---

<sup>4</sup> A expressão “bela, recatada e do lar” ganhou notoriedade em 2016, após a revista *Veja* publicar uma reportagem com a esposa do então vice-presidente Michel Temer, Marcela Temer, cujo título trazia exatamente os três adjetivos. A chamada buscava qualificar Marcela como um exemplo de mulher a ser seguido, um ideal de mulher perfeita. Em contraponto, surgiu um forte movimento via redes sociais, de mulheres e mesmo de homens, ironizando e debochando da expressão. Para mais, ver: “Bela, recatada e do lar”: por que a expressão gerou tanta polêmica nas redes sociais? *GZH*, 20 abr. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2016/04/bela-recatada-e-do-lar-por-que-a-expressao-gerou-tanta-polemica-nas-redes-sociais-cjpl6oxcz009vwscnq3poc9v1.html>. Acesso em: 21 jul. 2023.

Potencializamos essa discussão ao adentrarmos na cena literária e analisarmos a elaboração e construção do sujeito feminino na obra *O martelo* (2017), da poeta brasileira nascida em Recife e radicada em Berlim, Adelaide Ivánova. Composta por 29 poemas e dividida em duas partes, a obra se inicia, em um poema homônimo, com um eu poético que diz: “durmo com um martelo / embaixo do travesseiro / caso alguém entre de novo” (Ivánova, 2017, p. 11). É esse o mote para todo o livro, que, com tons de narração, tematiza diferentes facetas do cotidiano de uma mulher, iniciando-se em um momento posterior a uma violência sexual. Performando-se entre o erótico e o trauma, o casamento malfadado e o divórcio a ser consumado, a voz feminina que emerge dos poemas (d)enuncia os discursos socialmente aceitos e as relações de poder que assinalam sua subjetividade e seu corpo.

A pesquisadora Manuella Bezerra de Mello Martins (2021) descreve Ivánova como “uma poeta de seu tempo”, defendendo a necessidade de se ter em vista que esse tempo é caracterizado pela gradual “naturalização da ofensiva patriarcal [que] vem por meio da legitimação recorrente do próprio Estado” (Martins, 2021, p. 455). Sobre o contexto que envolve *O martelo*, entre sua publicação e premiação no Prêmio Rio de Literatura, presenciou-se

a ascensão da lógica fascista que culminou no Golpe Parlamentar que depôs a ex-presidenta Dilma Rousseff da presidência da República em 2016 e, por fim, na vitória de Jair Bolsonaro para o cargo de maior importância do país em 2018, fato que legitimou institucionalmente os discursos que punha em cheque [sic] o direito à existência das minorias sociais brasileiras, dentre elas negros, indígenas, pessoas da comunidade LGBTQIA+, ativistas de Direitos Humanos e, obviamente, mulheres (Martins, 2021, p. 455).

Esse contexto é trazido à tona também pela própria edição da obra. No colofão da 3ª reimpressão, por exemplo, a qual referenciamos aqui, informa-se que o livro foi impresso em São Paulo, mas não se dá uma data específica, situando o leitor apenas em torno do indicativo “582 dias depois do golpe”. O que pode parecer um mero detalhe e passar despercebido, reitera, portanto, a afirmação de Martins (2021, p. 455): em *O martelo*, Ivánova não se esquivava de seu tempo. Escreve com ele, a partir dele e, ao que nos parece, também por causa dele.

Nesse sentido, talvez seja possível, inclusive, assinalar um aspecto complementar e oposto àquele destacado por Martins. Se, por um lado, é inegável que houve um palpável avanço de pautas conservadoras, reacionárias e mesmo retrógradas na sociedade brasileira nos últimos anos, por outro lado não deixa de ser perceptível um forte movimento de resistência a esses discursos. Obras como a de Ivánova parecem mostrar que nosso tempo tem se caracterizado, paulatinamente, por uma desnaturalização da ofensiva conservadora — ou, no mínimo, por uma oposição aberta a ela. É forçoso reconhecer que,

no último decênio, discursos misóginos e de matriz fascista ganharam repercussão e holofotes, entretanto, sob uma perspectiva temporal mais ampla, observamos a emergência de contradiscursos feministas cada vez mais atravessados por temas referentes a classe e raça que têm pautado importantes debates, que extrapolam o meio literário.

Com esse contexto em vista, analisamos como as relações de poder se inscrevem sobre o sujeito e o corpo feminino, inicialmente de modo mais geral na obra e, em seguida, a partir dos poemas “a porca”, “o urubu”, “a mulher casada” e “o divórcio”. Como veremos, assim como na sociedade, no escopo de poemas analisados também são muitas as instituições e os sujeitos que amordaçam, violentam, objetificam e violam a figura feminina.

## 1 *O martelo*: as relações de poder sobre o corpo feminino

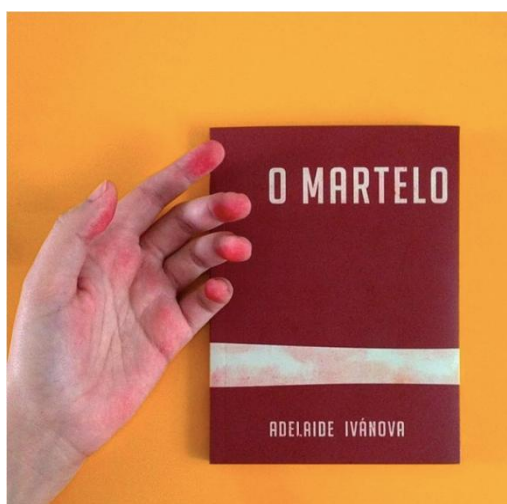
Publicado em 2015 pela editora portuguesa Douda Correria, *O martelo* foi lançado no Brasil em 2017, pela editora Garupa, ganhando, no ano seguinte, o Prêmio Rio de Literatura. Na versão brasileira foram incluídos quatro poemas inéditos: “para laura”, “o broche”, “o ministro” e “o sismografo”. Ivánova compõe uma geração de poetisas brasileiras contemporâneas que pensam a condição feminina na literatura, além de traçarem relações entre a poesia, o feminino e o feminismo.

Antes mesmo de folhear a obra, a experiência literária já se inicia. O exemplar é coberto por uma fina camada de pigmento vermelho, que suja as mãos daqueles que o tocam, conforme explica a editora Garupa em seu *site*<sup>5</sup> de vendas. Esse projeto gráfico convoca o corpo para dentro da cena literária, fazendo com que o(a) leitor(a) se torne um sujeito ativo em relação à obra. Com os dedos sujos de uma tinta vermelha, ao avançar com a leitura, descobrimos que estamos contaminados pelo sangue de uma mulher violentada.

---

<sup>5</sup> O sítio eletrônico da editora Garupa apresenta uma observação sobre o projeto gráfico que acompanha o livro. Além da explicação escrita sobre a tinta vermelha envolta do livro, há fotos exemplificando como ficam o embalo e as mãos de quem toca a obra. A editora também destaca que é possível receber o exemplar sem a tinta, ficando a critério do comprador adquirir o livro com ou sem o pigmento vermelho. Disponível em: <https://www.leiagarupa.com/product-page/o-martelo-adelaide-iv%C3%A1nova>. Acesso em: 22 jul. 2023.

Imagem 1 - livro *O martelo*



Fonte: site da editora Garupa [s.d.].

Essa escolha editorial se reveste de múltiplos sentidos, conforme é confrontada com cada um dos textos. Por exemplo, ao manusear o livro e adentrar esse espaço textual, o leitor imediatamente se depara com o primeiro poema, que faz menção à violência e ao ato ameaçador de entrar no quarto do eu poético. Assim, o leitor é convidado a participar de um jogo de sentidos, seja como espectador das violências ali representadas, seja como possível perpetrador, à medida que percorre a obra e invade os espaços do eu poético. De certo modo, o leitor acha-se sujo de sangue por fazer parte de uma sociedade violenta, ao mesmo tempo em que não fica imune a uma obra que desnuda variadas formas de violência e produz uma crítica sobre elas. No confronto entre escolha editorial e texto poético, o leitor sai ensanguentado do embate com *O martelo*.

“O martelo” é também o título de dois poemas, o primeiro e o último do livro. No primeiro, ele consiste em um objeto para autodefesa, que o eu poético, uma figura feminina, posiciona “embaixo do travesseiro / caso alguém entre de novo” (Ivánova, 2017, p. 11). Esse último verso sinaliza ao leitor que há no passado algum acontecimento, o qual o eu poético teme que possa se repetir e por isso busca se proteger. Já no poema que conclui a obra, o martelo é uma ferramenta utilizada para fins distintos e por diversas pessoas: o Papa, Karl Marx, Adorno, Thor, mas que a protagonista conhece bem: “é um decassílabo heroico / com tônicas nas posições / três seis e dez / que pesa sete kilos duzentos e sessenta gramas / serve pra dormir bem / ou pregar pregos” (Ivánova, 2017, p. 69).

Além de se configurar como um instrumento de proteção, o martelo simboliza a exposição de todas as opressões sofridas pela figura feminina. De um lado, o eu poético enuncia os acontecimentos que contornam sua vida pós violência sexual; de outro, denuncia os julgamentos a que ela e seu corpo são (e estão) circunscritos. Em *O martelo* notamos que o sexismo é representado pelas instituições e pelas relações interpessoais

que a voz poética experiencia, uma vez que seu gênero é quem determina as interações do seu cotidiano.

Em *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*, bell hooks (2022, p. 13) chama atenção para a forma como temos sido socializados, desde muito cedo, para aceitar pensamentos e ações sexistas. Ao desvelar como o sexismo atua na sociedade, a autora explica que as mulheres podem ser tão sexistas quanto os homens. Porém, enquanto grupo, são os homens que mais se beneficiam do patriarcado, partindo do pressuposto de que são superiores às mulheres e que podem controlá-las. É nessa conjuntura que a obra de Ivánova pode nos conduzir à reflexão sobre como o sexismo ainda reforça posições e relações de poder: a delegada, a escritã, o ministro, os médicos, figuras que surgem no universo criado nos poemas, mostram que o patriarcado ainda ordena e legitima diferentes espaços da sociedade.

A obra é separada em duas partes, cada uma delas, respectivamente, nomeadas apenas como “um” e “dois”. A primeira traz a voz de uma mulher que foi estuprada, e, conforme avançamos na leitura dos 15 poemas, percebemos que essa violência ultrapassa o ato sexual e pode ser verificada em relações sociais, físicas e afetivas. Já na segunda parte, a voz muda para uma mulher casada, que em outros 14 poemas expõe os papéis sociais atribuídos ao sujeito feminino em matrimônio. Neste trabalho, iremos nos deter especificamente em dois poemas de cada parte, escolhidos por afinidade com as temáticas aqui focalizadas.

## 2 Sobre mulheres e animais: “a porca” e “o urubu”

No poema “a porca”, são duas mulheres em cena. De um lado, uma escritã; de outro, uma mulher que busca assistência do Estado após sofrer violência sexual.

### **a porca**

a escritã é uma pessoa  
e está curiosa como são  
curiosas as pessoas  
pergunta-me por que bebi  
tanto não respondi mas sei  
que a gente bebe pra morrer  
sem ter que morrer muito  
pergunta-me por que não  
gritei já que não estava  
amordaçada não respondi mas sei  
que já se nasce com a mordaça  
a escritã de camisa branca  
engomada

é excelente funcionária e  
datilógrafa me lembra muito  
uma música  
um animal não lembro qual. (Ivánova, 2017, p. 23)

Enquanto a escritora é caracterizada com riqueza de detalhes, tanto em relação à função que desempenha (“excelente funcionária / e datilógrafa”), quanto à sua aparência física (“de camisa branca / engomada”), conhecemos a outra mulher apenas pela violência que sofreu, isto é, pelo que fizeram a ela, embora seja justamente ela quem assume a enunciação no poema. A falta de especificação desse sujeito produz pelo menos dois efeitos, a depender do caminho interpretativo adotado. Um deles diz respeito a um assujeitamento dessa mulher, que tem sua individualidade negada, suprimida, e assim sofre mais um tipo de violência ao buscar reparação para abusos anteriores. O segundo efeito se relaciona à possibilidade de essa personagem representar uma pluralidade de muitas outras mulheres, com variadas identidades e histórias, sendo a violência a trágica coincidência que as aproxima.

O assujeitamento da mulher violentada em contraponto à tomada de cena por outra mulher, a que está ao lado da Lei, do Estado, também aparece em outros poemas. A exemplo, no poema “o gato”, a delegada é descrita vestindo “[...] um conjuntinho maravilhoso e / horroroso calça e camisa / jeans com jeans” e faz com que o eu poético se lembre de “[...] janus / o rei romano com duas caras / e do gato com duas caras que / morreu aos 15 anos”. (Ivánova, 2017, p. 21).

Em “a porca”, a plurissignificação se anuncia desde o título. A expressão “a porca” nos leva a pelo menos duas possibilidades interpretativas, ambas respaldadas pela materialidade textual em foco e pelo conjunto da obra. Uma das interpretações, mais literal, remete ao objeto porca, utilizado para garantir a fixação de parafusos, deixando-os travados — junto ao objeto martelo de outro poema, bem como do próprio título da obra, funcionando como uma das engrenagens de um sistema. Nesse sentido, a atuação da escritora, ao que tudo indica munida de preconceito e de uma postura machista, colaboraria para manter o eu poético feminino no lugar reservado para ele no sistema. Seu interrogatório contribui para apertar a porca-objeto a que se vê reduzido o eu poético frente à burocracia estatal que impede o exercício da cidadania.

O outro caminho interpretativo faz pensar no ressoar negativo da palavra “porca” no seio de uma sociedade patriarcal e machista, que recorre ao termo, que representaria o feminino de um animal (o porco), para desqualificar uma mulher, tratando-a como suja, impura, enfim, um animal qualquer em meio à lama. Nesse caso, importa perceber que também há uma complexificação no uso da metáfora, porque o eu poético é inevitavelmente associado à imagem da porca, mas ele a reverte e ao final a vincula à

escrivã, subvertendo os sentidos talvez inicialmente sugeridos no poema. Devido à construção poética que apresenta antes o título, inicialmente sugere-se que a porca em questão é a mulher estuprada, que causa repulsa. Contudo, no final o eu poético em primeira pessoa inverte a imagem para recuperar o título e sugerir que talvez a atitude repulsiva resida na ação da outra mulher em cena.

Convém pensar na desumanização dessa mulher violentada à luz do título (“a porca”). A mulher é julgada pela escritã, no poema de Ivánova, por dois motivos principais: por ter bebido e por não ter gritado. Embora não tenha respondido à outra personagem, a mulher assume a voz enunciativa do poema e justifica para o leitor: quanto a beber, “a gente bebe pra morrer / sem ter que morrer muito” (Ivánova, 2017, p. 23); quanto a não ter gritado, “já que não estava amordaçada”, “não respondi mas sei que já se nasce com a mordaça” (Ivánova, 2017, p. 23).

A última resposta é significativa: impedida de falar duas vezes, é apenas via escrita que a razão para isso fica clara: o silenciamento não é físico — como uma mordaça, uma mão fechando-lhe a boca, um aprisionamento —, mas social, sobretudo, porque “em uma cultura de dominação, todo mundo é socializado para enxergar violência como meio aceitável de controle social” (hooks, 2022, p. 99). Desse modo, pode-se dizer que a violência é também ocasionada por relações de autoridade e em espaços legítimos de poder, considerando que a escritã, em vez de prestar assistência à vítima de abuso sexual, utiliza da sua posição de poder para impor dominação, desvelando uma das engrenagens do patriarcado.

De acordo com Ribeiro (2019, p. 116), “a voz feminina que ouvimos a cada instante expõe, representa, coloca em ato uma trama de acontecimentos difíceis, na qual o corpo, o mais das vezes o seu próprio corpo, ocupa lugar central”. Tal aspecto pode ser evidenciado ao analisarmos o poema “o urubu”, em que acompanhamos os procedimentos médicos para a realização de um exame de corpo de delito.

### **o urubu**

corpo de delito é  
a expressão usada  
para os casos de  
infração em que há  
no local marcas do evento  
infracional  
fazendo do corpo  
um lugar e de delito  
um adjetivo o exame  
consiste em ver e ser  
visto (festas também  
consistem disso)

deitada numa maca com  
quatro médicos ao meu redor  
conversando ao mesmo tempo  
sobre mucosas a greve  
a falta de copos descartáveis  
e decidindo diante de minhas pernas  
abertas se depois do  
expediente iam todos pro bar  
o doutor do instituto  
de medicina legal escreveu seu laudo  
sem olhar pra minha cara  
e falando no celular

eu e o doutor temos um corpo  
e pelo menos outra coisa em comum:  
adoramos telefonar e ir pro bar  
o doutor é uma pessoa  
lida com mortos e mulheres vivas  
(que ele chama de peças)  
com coisas. (Ivánova, 2017, p. 25)

Em uma maca, seu corpo é examinado não por um, mas por quatro médicos: “conversando ao mesmo tempo / sobre mucosas a greve / a falta de copos descartáveis / e decidindo diante de minhas pernas abertas / se depois do expediente iam todos pro bar”. A cobertura médica que deveria oferecer um certo cuidado para sua paciente apenas reitera o trauma sofrido. O corpo da mulher é tratado como um “local”, um “lugar”, que pode ser ocupado, sendo mais uma vez violentado e invadido por um outro-masculino, que de maneira descuidada e desumana examina-a como uma “peça” e a trata como um mero objeto.

No que se refere ao corpo como um espaço que pode ser dominado, vale ressaltar o estudo de Aníbal Quijano (2005) sobre a colonialidade do poder. O sociólogo explica que na perspectiva eurocêntrica de conhecimento, difundida globalmente durante os séculos de colonização exploratória das Américas, o corpo se tornou um objeto básico de repressão, além de ter sido fixado como um objeto de conhecimento e de dominação/exploração (Quijano, 2005, p. 129). Apesar de focalizar seu estudo na ideia de raça<sup>6</sup>, Quijano não deixa de citar a estreita relação com outras intersecções, como é o caso do gênero:

Esse novo e radical dualismo não afetou somente as relações raciais de dominação, mas também a mais antiga, as relações sexuais de dominação. Daí em diante, o lugar das mulheres, muito em especial o das mulheres das

---

<sup>6</sup> Destaca-se, nesse ínterim, que não iremos discutir a noção de raça, pois foge da temática abordada no poema supracitado, bem como dos objetivos deste trabalho. Nesse sentido, importa pensar na colonialidade de gênero como uma via para reivindicar o corpo ocupado e objetificado.

raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza. É provável, ainda que a questão fique por indagar, que a ideia de gênero se tenha elaborado depois do novo e radical dualismo como parte da perspectiva cognitiva eurocentrista (Quijano, 2005, p. 129).

A dissociação entre corpo e espírito, que coincide com o desenvolvimento do colonialismo moderno, segundo Quijano, foi instrumental para o sucesso da objetivização do corpo, a partir de então visto como objeto natural, passível de ser cientificamente explorado e conhecido. Esse aspecto, resultado da decantação por séculos de uma visão de mundo eurocêntrica, aparece tematizado no poema, de maneira radical, como uma reificação total do corpo feminino, feita por sujeitos homens, portadores da racionalidade científica que embasa a medicina moderna.

Desse modo, semelhante a um espaço que pode ser ocupado e explorado territorialmente, o corpo feminino também pode ser lido como um espaço colonizado e dominado. Adelaide Ivánova parece ser consciente dessa aproximação. Em entrevista concedida à Revista Continente, quando questionada sobre o motivo de escolher morar na Alemanha, a autora responde:

o processo foi muito ligado com o que aconteceu e está relatado n’o *martelo*. Eu tinha muita vontade de experimentar como é viver em um lugar em que o meu gênero não é aquilo que determina todas as interações sociais do meu dia a dia. Não somente em um país como o Brasil, mas em um país como o *Brasil, um país colonizado, um país colonizado de uma forma muito violenta*, de uma forma violenta por um país católico, o machismo se manifesta de uma maneira extremamente violenta, estrutural — porque está nas instituições — e também interpessoal (Ivánova *apud* Muniz, 2021, n. p., grifo nosso).

Ao citar como o machismo se manifesta no Brasil — país colonizado —, Ivánova traça uma relação entre o colonialismo e a opressão de gênero. Nesse sentido, podemos dizer que a violência colonial também reverbera a violência patriarcal, pois como percebe a autora e como está colocado em “o urubu”: o machismo é estrutural, está nas instituições (hospital) e nas relações interpessoais (“o doutor do instituto / de medicina legal escreveu seu laudo / sem olhar pra minha cara / e falando no celular” [Ivánova, 2017, p. 25]).

A esse respeito, a oposição médico/paciente põe em cena a dualidade ainda latente entre o feminino e o masculino. Apesar de também gostar de “telefonar e ir pro bar”, a paciente percebe que as experiências femininas e masculinas são diferentes, sobretudo na sociedade patriarcal de onde enuncia. O médico representa o sistema patriarcal e endereça a mulher a uma posição de inferioridade, primeiro em relação à violência sofrida, segundo pelo seu lugar social: “doutor do instituto de medicina legal” (Ivánova, 2017, p. 25). Para tanto, retomamos o título do poema “o urubu”, que faz referência ao animal grotesco que consome os restos mortais e/ou materiais orgânicos em decomposição, tal qual o médico-

chefe que “lida com mortos e mulheres vivas / (que ele chama de peças) / com coisas” (Ivánova, 2017, p. 25).

É nesse cenário que a personagem relata a diferença que há entre ela e o médico-chefe: de um lado temos um corpo violentado, em posição incômoda e de extrema vulnerabilidade, enquanto quatro homens falam banalidades, sem o mínimo de cuidado e respeito; do outro, temos o médico legista, dono do seu próprio corpo e com legitimidade para ocupar outros corpos. Essa dualidade se torna possível devido à separação corpo/espírito historicizada por Quijano (2005). O sujeito poético feminino, como corpo, converte-se em objeto que deve ser examinado, portanto é inconsciente de si e pode ser tratado como coisa. Os médicos, por sua vez, como portadores e representantes da razão científica, dotados de espírito, debruçam-se sobre o objeto, que não merece maiores considerações, afinal, na racionalidade ocidental, é reificado como parte da natureza. Além disso, a fala direta e coloquial do relato contrapõe o código jurídico e seus gestos frios, que implica a violência invasiva que se apodera do corpo feminino (Ribeiro, 2019, p. 117).

Cabe notar que, no poema, o universo médico narrado desconsidera a história da paciente, o seu passado e a sua subjetividade. A mulher, imóvel em uma maca hospitalar, é reduzida a uma peça e sua narrativa é abafada pelos ruídos descuidados de uma equipe de profissionais. Assim, além das oposições médico/paciente, masculino/feminino, surge também a que aponta para humano/objeto, tema reforçado nas imagens finais do poema: “o doutor é uma pessoa / lida com mortos e mulheres vivas / (que ele chama de peças) / com coisas” (Ivánova, 2017, p. 25). Mortos e mulheres vivas são aproximados semanticamente, e, em seguida, destituídos de humanidade, resumidos em “peças” e “coisas”, ao contrário do doutor, que é caracterizado como “uma pessoa”.

Se nos dois poemas aqui analisados, ambos extraídos da primeira parte da obra, acompanhamos a objetificação e a consequente desumanização de uma mulher, bem como a instauração de inúmeras violências sexuais e institucionais sobre seu corpo, na segunda parte da obra o foco está no casamento, também uma outra instituição. É sobre dois poemas desta última parte que nos debruçamos a seguir.

### 3 Círculos e papéis: “a mulher casada” e “o divórcio”

No terceiro poema da parte dois do livro, intitulado “a mulher casada”, estamos em uma atmosfera diferente da dos poemas anteriores. O ambiente descrito parece mais ameno e a violência aparece de uma outra forma, com um eu poético também feminino que assume um tom mais irônico.

### **a mulher casada**

sento-me  
em círculo  
conforme  
o evento  
engulo  
o vinho  
deposito no  
cantinho  
caroços  
de azeitonas  
controlo  
o período fértil  
finjo-me  
cadastrada  
carteirinha  
de vacinada  
belo  
animal doméstico  
celebro  
banalidades  
participo  
da conversa  
volto pra casa  
de carona  
e muda  
tenho na cabeça  
coisinhas  
sexo  
biquíni  
navalhas  
viagens  
as azeitonas  
os guardanapos  
os óvulos  
canela amêndoa  
ursos polares. (Ivánova, 2017, p. 47-48)

De início, chama a atenção o fato de estarmos diante de um poema longo, se comparado aos demais, de 36 versos, mas dispostos em uma única estrofe. Além disso, os versos são curtos, a maioria deles com apenas uma ou duas palavras. A concisão e a objetividade são justamente algumas das armas de Ivánova neste livro, que, ao mesmo tempo em que cria um universo com precisão, atinge o leitor em cheio, quase como um golpe, uma martelada.

Mais uma vez se valendo de um tom narrativo, a voz feminina versa sobre a posição que ocupa em eventos sociais, uma metáfora que se estende, como não é difícil deduzir, à

posição que a mulher casada ocupa na sociedade. Os verbos escolhidos para designar as ações dessa mulher são os seguintes: “sento-me”, “engulo”, “deposito”, “controlo”, “finjo-me”, “celebro”, “participo”, “volto” e “tenho”. Cada um deles delineaia algum âmbito da vida dessa mulher, bem como delimita o que é concedido ou negado a ela.

Em seguida, o poema dá um salto, mesclando a narração com o que parecem ser pensamentos dessa mulher. O período fértil, por exemplo, é uma preocupação que a assola, o que fica denunciado pela escolha do verbo: “controlo”. Cabe notar que a janela de fertilidade não é apenas experienciada, mas controlada, o que sugere uma periculosidade do e no corpo feminino. Na sequência, o poema diz: “finjo-me / cadastrada / carteirinha / de vacinada” (Ivánova, 2017, p. 47). A palavra “cadastrada” remete a “castrada”, da qual aquela se aproxima foneticamente e, no poema, por extensão, é aproximada também semanticamente.

Apesar do tom de regulação que se estende em seu pensamento, e, consequentemente, ao seu corpo, a figura feminina parece ser consciente da realidade em que se encontra, afinal ela finge estar “cadastrada/castrada”, além de se comparar a um “belo / animal doméstico” (Ivánova, 2017, p. 47). Em *A dominação masculina*, Pierre Bourdieu (2019, p. 30) explica que “a indeterminação parcial de certos objetos autoriza, de fato, interpretações antagônicas, oferecendo aos dominados uma possibilidade de resistência contra o efeito de imposição simbólica”, de modo que esse falso controle do eu poético pode remeter a uma possibilidade de resistência. Ao fingir regular seu período fértil, a figura feminina pode resistir a algum tipo de ato sexual, por isso a castração; ou pode enfrentar determinada ordem simbólica, pois, como já foi sinalizado, a mulher é ensinada, desde muito cedo, a reprimir seu corpo e seus desejos.

De volta à cena propriamente dita, a mulher celebra “banalidades” e continua sendo coadjuvante, sentada em um lugar que os outros elegeram para ela: “participo / da conversa / volto pra casa / de carona / e muda” (Ivánova, 2017, p. 48). Nesse momento, a sua imaginação (“tenho na cabeça”) é posta em cena com mais clareza, e os fragmentos de seus pensamentos são descritos como “coisinhas”. Na lista de itens, aparentemente desconexos entre si, há espaço, dentre outros, para “navalha”, “óvulos” e, por fim, até “ursos polares”. É interessante notar uma contraposição entre as “coisinhas” da mulher e as “banalidades” dos outros participantes desses círculos sociais, ou seja, dos membros da sociedade de maneira geral. Ademais, merece destaque o fato de que, na metade do poema, o eu poético finge-se “animal domesticado”, mas ao final revela que possui na mente “ursos polares”, isto é, um predador, o maior carnívoro terrestre.

Porém, mesmo que ela se descreva como “muda”, os seus pensamentos têm vazão na escrita, afinal é em sua reflexão que ela percebe a dominação que lhe é imposta: desde o lugar que lhe foi pré-determinado (“conforme o evento” [Ivánova, 2017, p. 47]) à etiqueta

a ser cumprida (“engulo / o vinho / depósito / no cantinho / caroços / de azeitonas” [Ivánova, 2017, p. 47]). Em vista disso, podemos dizer que a mulher aplica a toda a realidade, e, particularmente, às relações de poder em que se vê envolvida, esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder (Bourdieu, 2019, p. 62). Nessa perspectiva o casamento é tratado como uma instituição, onde o sujeito feminino é condicionado a seguir um determinado padrão social.

Com isso, Adelaide Ivánova subverte a lógica e nos faz pensar na limitação e regulamentação impostas à figura da mulher casada na sociedade, sendo esta patriarcal e machista. É pertinente notar como essa percepção crítica emerge a partir do trabalho com um campo semântico que, a rigor, apontaria para o cotidiano e a banalidade. A primeira parte do poema é construída em torno de imagens de uma rotina tão banal quanto absurda, tão logo seja vista por um ângulo levemente diferente. A novidade emerge no final, quando dentro da cabeça do eu poético percebemos uma associação de imagens que conecta termos a princípio incompatíveis entre si e que, dessa forma, desnudam o absurdo.

Os mecanismos de poder e dominação se produzem e reproduzem em diferentes estruturas de uma relação matrimonial, e o mesmo condicionamento de gênero pode, inclusive, ser visto no ato do divórcio. Conforme ressalta Bourdieu (2019, p. 77), é “na construção social das relações de parentesco e do casamento, em que se determina às mulheres seu estatuto social de objetos de troca, definidos segundo os interesses masculinos [...]”. Podemos perceber tal mecanismo ao analisar, páginas adiante, o poema “o divórcio”, em que a figura feminina narra o processo de dissolução judicial do seu matrimônio. Dos poemas eleitos para nossa análise, este é o mais irônico e até mesmo autoirônico.

### **o divórcio**

apenas observando  
você deixar passar  
os anos  
sem assinar  
o email.

“vim devolver o homem  
assino onde”.

apenas observando  
você deixar passar  
os homens  
mas com papel  
assinado.

vim devolver os anos

volto pra onde?

apenas observando  
você deixar passar  
o contrato  
sem cumprir  
seu papel.

vim devolver a cidade  
volto pro homem.

apenas observando  
você deixar  
a cidade  
sem assinar  
o homem.

vim inverter os papéis  
e não volto.(Ivánova, 2017, p. 65-66)

Se o poema “a mulher casada” tematiza, justamente, o papel social ocupado por essa em matrimônio, este “o divórcio” alude não apenas ao casamento ou à separação em si, mas também aponta para o papel do homem casado. É justamente por isso que a mulher, após inverter inúmeras orações ao longo do poema — a exemplo de “vim devolver o homem / assino onde”; “vim devolver os anos / volto pra onde?”; “vim devolver a cidade / volto pro homem” —, busca uma outra inversão: “vim inverter os papéis / e não volto” (Ivánova, 2017, p. 66). O não voltar, nesse ínterim, significa não voltar ao homem, à cidade, à vida que levava quando vivia em matrimônio.

No poema, Ivánova reúne um pequeno arcabouço de vocábulos, repetidos e sempre no início das estrofes, em especial as expressões “apenas observando” e “vim devolver”. Por outro lado, algumas repetições se valem de aspecto fortemente polissêmico, como a dos termos “papel”/“papéis”, que significam tanto o contrato, o documento necessário para a oficialização do divórcio perante a lei, quanto os papéis sociais, desempenhados por homens e mulheres, e, mais especificamente, homens casados e mulheres casadas.

De início acompanhamos o que parece ser uma cobrança para que um interlocutor, um homem, finalmente assine os papéis e assim oficialize o divórcio. Na segunda estrofe do poema, entretanto, essa impressão é abalada, quando o eu poético diz: “vim devolver o homem / assino onde” (Ivánova, 2017, p. 65), ironizando a situação do divórcio ao tratar o homem como um objeto “defeituoso” que pode ser devolvido após uma simples assinatura. Essa falha, inclusive, estaria ligada ao fato de ele “[...] deixar passar / o contrato / sem cumprir seu papel” (Ivánova, 2017, p. 66). Sob essa luz pode ser compreendido um jogo de inversões quase barroco proposto pelo eu poético, o qual termina

com uma derradeira inversão de papéis em que a mulher toma para si o seu destino.

Sendo assim, vemos que a figura feminina ironiza os papéis sociais entre homens e mulheres, invertendo a posição ocupada entre ambos. Enquanto o interlocutor homem demora (talvez até de propósito) para assinar os papéis do divórcio, a locutora feminina busca situar sua (nova) vida: o que fazer, para onde ir, como recomeçar são alguns dos questionamentos que essa mulher faz. Desse modo, ela não deixa de expor a (re)produção dos mecanismos de poder que estruturam a dominação masculina e o engendramento feminino nas relações conjugais e na sociedade contemporânea.

## Considerações finais

Desde o título da obra até o último poema, o martelo atravessa todo o livro de Adelaide Ivánova. O objeto-ferramenta acompanha o eu poético feminino durante toda sua trajetória, que já no primeiro poema escancara a necessidade de possuir o artefato a favor da sua proteção, conforme já foi sinalizado. O martelo ora é usado para autodefesa, ora é a arma que golpeia algo ou alguém, e essa duplicidade de representação ao mesmo tempo que enuncia as agressões sofridas pela mulher, revela as engrenagens que fazem a violência operar.

Nos poemas analisados, é possível notar essa simbologia. O sujeito feminino é assinalado por uma série de discursos e práticas de poder que determinam diversas situações do seu cotidiano como vítima de abuso sexual. A exposição da violência submete o corpo feminino à espetacularização de mecanismos de poder, que em vez de oferecer segurança e assistência, apenas reiteram o trauma sofrido e produzem, em eco, novas formas de violação.

Na primeira parte do livro, a autora recorre à linguagem técnica das instituições para escancorar a violência implícita que se manifesta contra a vítima de abuso sexual. Nesse sentido, o desprezo da escritã (“pergunta-me por que não gritei já que não estava amordaçada” [Ivánova, 2017, p. 23]) ou o descaso dos médicos (“decidindo diante de minhas pernas abertas se depois do expediente iam todos pro bar” [Ivánova, 2017, p. 25]) são exemplos latentes do que ainda acontece com as vítimas desse tipo de violência. Já na segunda parte do livro, a mudança de tom é perceptível: com uma linguagem mais coloquial e irônica, a autora põe em cena distintas situações da sociedade às quais a mulher é submetida e desvela como os papéis de gênero atravessam de modo diferente a vida de homens e mulheres em matrimônio.

Vemos, portanto, que a opressão de gênero situa o sujeito feminino e o seu corpo no cerne de discursos e práticas de dominação. Os poemas analisados colocam em cena diferentes tipos de violência contra a mulher, desde a falta de assistência médica ao

descrédito do aparato jurídico-policial, passando pela invalidação da mulher em outra instituição, a do casamento. Desse modo, pode-se dizer que *O martelo* desestabiliza os discursos de poder e dominação e atua como instrumento de resistência contra a violência e a opressão.

## Against the gag and the domestic animal: an analysis of *O martelo*, by Adelaide Ivánova

### Abstract

*Published in 2017, the book O martelo, by Adelaide Ivánova, exposes a series of patriarchal forms of violence committed by modern society against women and their bodies. In this paper, we aim to perform an analytical-interpretative reading of four poems published in the work, in order to ascertain how relations of power and domination are inscribed on the female subject and body. The analysis is based on a dialectical understanding of the relationship between literature and social life, in which aspects of society are formalized through compositional procedures in the elaboration of the literary text. We conclude that the analyzed poems expose and criticize with irony and boldness various forms of violence imposed on women's body by different institutions and subjects in positions of power. Therefore, the texts question patriarchal domination and gender oppression.*

**Keywords:** Masculine domination. Patriarchy. Gender. Violence. Contemporary Brazilian poetry

### Referências

“BELA, recatada e do lar”: por que a expressão gerou tanta polêmica nas redes sociais? **GZH**, 20 abr. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2016/04/bela-recatada-e-do-lar-por-que-a-expressao-gerou-tanta-polemica-nas-redes-sociais-cjpl6oxcz009vwscnq3poc9v1.html>. Acesso em: 21 jul. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**: a condição feminina e a violência simbólica. Trad.: Maria Helena Kuhner. 16 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **As 29 poetisas hoje**. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HOOKE, bell. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. Trad.: Bhuvi Libanio. 18 ed. Rio de Janeiro: Roda dos tempos, 2022.

IVÁNOVA, Adelaide. **O martelo**. 2 ed. 3 reimpr. Rio de Janeiro: Edições Garupa, 2017.

IVÁNOVA, Adelaide. “Numa sociedade ideal, a gente encararia a poesia como um trabalho”. [Entrevista concedida a] Erika Muniz. **Revista Continente**, Recife, 13 out. 2021. Disponível em: <https://revistacontinente.com.br/secoes/entrevista/rnuma-sociedade-ideal-a-gente-encararia-a-poesia-como-um-trabalho>. Acesso em: 25 jul. 2023.

MARTINS, Manuella Bezerra de Melo. A representação do estado patriarcal no livro *O martelo* de Adelaide Ivánova. **Opiniões**, São Paulo, n. 18, p. 448-465, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.181326>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/181326>. Acesso em: 03 jul. 2023.

O MARTELO. Editora garupa. [s.d.]. Disponível em: <https://www.leiagarupa.com/product-page/o-martelo-adelaide-iv%C3%A1nova>. Acesso em 22 jul. 2023.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf). Acesso em: 25 jul. 2023.

RIBEIRO, Gustavo Silveira. Violáceo, vermelho-sangue: corpo e combate n' *O Martelo*, de Adelaide Ivánova. **Texto Poético**: Revista do GT Teoria do Texto Poético (ANPOLL), v. 15, n. 27, p. 112-124, 2019. DOI: <https://doi.org/10.25094/rtp.2019n27a565>. Disponível em: <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/565>. Acesso em: 04 jul. 2023.